

Psicanálise & Barroco em Revista

Rio de Janeiro | v. 20 | n. 1 | agosto 2022

Editorial

Editorial

Editorial

Éditorial

LUCIA MARIA DE FREITAS PEREZ

RENATA MATTOS AVRIL

THOMAS SPERONI

Mantendo sua marca transdisciplinar, contemplando diferentes saberes que fazem conexão com a Psicanálise, o primeiro número da vigésima edição de Psicanálise & Barroco em Revista traz, para além das suas já tradicionais seções de artigos temáticos, artigos de temas livres e resenhas, uma nova seção: a de ensaios, buscando com isso ampliar seu escopo na divulgação do que vem se produzindo em nosso vasto campo de interesse.

No que tange à seção temática, nesta edição encerramos um ciclo de publicações de escritos em torno da voz, da música, da memória e da musicalidade da linguagem e nas artes, entrelaçadas à psicanálise, que se iniciou em dezembro de 2018 sob a organização de Renata Mattos Avril. Durante esse período, tivemos a alegria de fazer circular reflexões tecidas com o fio imaterial da voz enquanto objeto *a*, atravessando o campo da clínica, da teoria psicanalítica e do frutífero diálogo entre esta e a cultura, as artes e a política. Tivemos diversas ocasiões de nos lembrar da dimensão estruturante e humanizante da voz, da força vivificante da pulsão invocante, das aberturas ressonantes de criação e invenção que a invocação pode colocar em cena, ética e esteticamente, diante do impossível. Perdida, mas ainda assim polifônica, a voz faz criar.

Para fechar esta série de seções temáticas invocantes com grande estilo, contamos com escritos cunhados por três psicanalistas que se colocam à escuta da singularidade de determinadas obras artísticas, tirando consequências importantes e originais para avançarmos *com* e *na* psicanálise. A literatura, a poesia e o cinema atravessados pela música e pela voz, material e imaterial. Escritos que, deste modo, soam como música para nossos ouvidos atentos ao inconsciente e às surpresas do real.

Iniciamos a seção temática com um belo texto de Claire Gillie, *A voz em “porte (a) faux”*: *uma nota desafinada do olhar*, que nos convida a percorrer a “corda bamba” dos diferentes destinos que a voz pode conduzir os sujeitos, pensando em como a estrutura neurótica e a psicótica podem a ela responder, ou, mais precisamente, diante dela se posicionar. O balanço da iminente queda do objeto voz, efetuada ou não, incorporada ou não, trazida no bolso ou contornada em seu vazio, é colocado em primeiro plano na reflexão da psicanalista e musicóloga a partir da expressão francesa “*porte-à-faux*”, impossível de ser traduzida em nosso idioma. No domínio da arquitetura, ela designa uma estrutura que, tendo apenas um ponto de suporte, dá a impressão de poder cair a qualquer instante, de se lançar no vazio, evocando o desequilíbrio, a instabilidade, a vertigem.

A autora se pergunta, assim, como a voz pode ser pensada a partir desta questão do suporte e da queda, intimamente relacionadas à verdade de cada um e às peculiaridades próprias de como cada estrutura clínica pode dar a ouvir o real pelo corpo e pelas expressões culturais. A voz em “*porte (a) faux*”... que, diante da invocação do Outro, pode colocar em xeque os sujeitos. Claire Gillie traçará linhas para escutarmos os sintomas neuróticos ligados à voz em sua dimensão de trama sonora e igualmente pensarmos o além-som que apontam as “vozes perdidas da psicose”, como propõe Lacan no seminário *A angústia*. Para tanto, a autora se debruçará sobre o filme *Marguerite*, de Xavier Gianolli, o que lhe dará oportunidade de, igualmente, refletir sobre o imbricamento entre voz e olhar, sobretudo no campo da psicose, e em como a música pode aí ter uma função. Canto, (des)afinação, olhar (do outro) participando, então, de um ato operístico entre desejo e gozo.

Continuamos nossa seção temática com o breve e poético escrito *A voz em Paul Valéry em diálogo com a psicanálise*, da psicanalista, cantora e compositora Andressa Raiana Nunes de Araújo. Inspirando-se tanto no poema *Salmo sobre uma voz*, de Valéry, quanto nas reflexões e na estética valeriana sobre a linguagem e a voz, a autora propõe uma aproximação do poeta com o campo da psicanálise lacaniana, destacando nesta,

especialmente, o significante, a voz como objeto *a*, o traço unário e *lalíngua*. Após nos fazer mergulhar na leitura do poema em questão, da qual não saímos incólumes, ainda com as imagens e palavras de Valéry ressoando em nós, a autora se interroga sobre a ambiguidade não do significante, mas da voz.

Por um lado, Andressa Raiana Nunes de Araújo destaca a função desta e da invocação na operação de fundação do inconsciente pela via da linguagem, por outro, a voz é localizada na tensão entre presença e ausência que a liga ao significante. Rouxinol, trovão... E também rouquidão... timbre... modulação e música. A autora escutará, assim, articulações possíveis entre voz e traço unário e voz e *lalíngua* a partir do que Valéry transmite em seu poema sobre a imbricada relação entre som e sentido e o que a fura, possibilitando a criação e o laço.

Por fim, compartilhamos neste espaço as ricas elaborações teóricas da psicanalista e doutora em Ciência da Literatura Renata Estrella em seu escrito *Orquestrar pela escrita: uma leitura de Uma barragem contra o Pacífico, de Marguerite Duras*.¹ Destacando o lugar da música e da materialidade sonora da voz na vasta obra literária e cinematográfica de Duras, a autora nos propõe refletir sobre a construção da escrita ficcional, ainda que com traços autobiográficos, de modo próximo à fala e as construções em análise. E nos lembra que, muito precocemente na teoria freudiana, o psiquismo é pensado em termos de escrita, enlaçando e sobrepondo atemporalmente imagens acústicas e visuais. Memória, gozo e verdade participam, assim, desta bela leitura de *Uma barragem contra o Pacífico*.

Livro que dá a ver e a ouvir a lógica de violência colonial francesa na Indochina, com efeitos de miséria não apenas para os povos originários colonizados como também para algumas famílias de colonos franceses que buscaram uma ilusão de riqueza, encontrando discriminação e falência. Renata Estrella realça em sua leitura a força política da escrita de Duras a partir da personagem “mãe” e na luta incessante desta contra a administração colonialista e a tentativa de construir uma barragem contra o oceano Pacífico que viabilizasse o plantio de arroz nas terras por ela compradas. Recolhendo igualmente falas de Marguerite Duras em entrevistas, a autora propõe que a fala e o

¹ Nota de Renata Mattos Avril: Pontuo aqui a alegria de encerrar esse ciclo de sessões temáticas contando com um escrito de Renata Estrella sobre a voz, a quem havia convidado já em 2016 para publicar conosco. Na época, dialogamos bastante em torno do projeto de doutorado que ela então construía acerca da força política, singularizadora e estética das palavras de ordem escritas nos muros das cidades e seus efeitos de invocação. Tal diálogo, participou, juntamente com outros muitos fios antigos e recentes, da trama polifônica do texto que escrevi para a edição precedente desta Revista.

discurso da “mãe” sobre a concessão de terras, ouvidos pela escritora não como um lamento musical carregado de sentido, mas como “canções de ninar” beirando o berro, o uivo, o inarticulado e sem sentido, terão um papel fundamental, como uma matriz sonoro-musical, poderíamos dizer, na orquestração da escrita durassiana.

Concluimos assim, belamente e com alegria, este ciclo de escritos. Agradecemos a todas as autoras e todos os autores que contribuíram ao longo destas oito edições da seção temática testemunhando uma parte da crescente produção teórica nacional e internacional em torno do objeto voz e, sobretudo, a importância crucial deste tema no campo lacaniano. Que venham novos temas e reflexões!

Quanto à seção que abriga os temas livres, sempre presente em nossas edições, foram selecionados quatro interessantes escritos que, por diferentes vias, fazem-nos refletir sobre as inflexões da psicanálise na clínica e na cultura de nosso tempo. O primeiro deles, intitulado *Governar: uma leitura psicanalítica*, da autoria de Geovane dos Santos da Rocha, Nicole Pinho Ghidini, Paula Karine de Lima e Michaela Carla Laurindo, promove uma discussão, muito bem fundamentada nas obras de Freud e Lacan, acerca de um dos impossíveis apontados por Freud, o ato de governar. Temática de grande relevo em tempos como os que atravessamos, nos quais a insatisfação e a polarização no campo político vêm se fazendo cada vez mais frequentes no cenário mundial.

A seguir, apresentamos o artigo *Entre o que e o quê o sujeito é dividido?*, no qual os autores Estanislau Alves da Silva Filho, Laerte de Paula e Ivan Ramos Estevão, partindo de um amplo referencial no entrecruzamento dos campos filosófico e psicanalítico, desenvolvem uma série de reflexões e encaminhamentos que conduzem o leitor a uma maior precisão no que tange à complexidade inerente a uma noção que, por sua potência clínica e epistemológica, ocupou lugar privilegiado no ensino de Lacan: a noção de sujeito dividido.

O belíssimo artigo, *O desejo como bússola para o amor*, da autoria de Ana Suy Sesarino Kuss e Rita Maria Manso de Barros, é o terceiro artigo da seção. Discorre com sensibilidade e poesia, sem abrir mão de uma rigorosa fundamentação conceitual, sobre o papel norteador do desejo no que tange às questões do amor. Enfatiza o valor da psicanálise enquanto um acontecimento que convoca o sujeito a sustentar seu desejo, o resto da operação amorosa.

E, por último, o artigo da psicanalista Rosa Guedes Lopes, intitulado *Quando um aplicativo ocupa o lugar do Outro*, oferece-nos uma contribuição primorosa sobre um

tema muito atual: o uso de aplicativos no dispositivo analítico, fazendo-nos pensar sobre o que está em jogo na subjetividade de nossa época. Valendo-se de um caso clínico no qual um jovem vinha se utilizando de 2 *apps* como suplência ao esvaziamento do lugar do Outro, a autora demonstra como, através da interpretação, colocando em cena o desejo do analista, tornou-se possível reinserir na consideração egóica, o que, até então, encontrava-se esmaecido: a dimensão transgeracional e constitutiva do desejo.

A seção de Ensaio é inaugurada com o interessante e promissor trabalho de Glaucia Peixoto Dunley, *O desejo de saber no envelhecimento como uma forma especial de sublimação*, que se baseia em uma ação extensionista desenvolvida no âmbito da Universidade Aberta da Terceira Idade – UnATI/UERJ, na qual a autora vem oferecendo ao longo de 2022 o curso *Psicanálise como saber transformador para qualquer idade*, voltado para leigos, com mais de 60 anos. Nesse trabalho de ensino e transmissão, tomando por princípio que “o desejo não envelhece”, aposta-se que o desejo de saber possa embasar uma experiência crítica de cidadania, abrindo caminhos para formas de prazer e de satisfação singulares. O ensaio que aqui publicamos apresenta os fundamentos dessa pesquisa-ação e dá notícias sobre os seus primeiros encaminhamentos.

Por último na seção de Resenhas, publicamos *De aspirante a inspirante, efeitos plásticos de um luto e de sua travessia*, da autoria de Lucia Maria de Freitas Perez, que se dedicou a comentar o belíssimo trabalho de Eliana Luiza dos Santos Barros, *Frestas do indizível*.

É assim com satisfação que chegamos à vigésima edição do periódico *Psicanálise & Barroco em Revista*, efeito da colaboração de muitos preciosos e dedicados parceiros ao longo de toda essa longa trajetória na transmissão escrita da Psicanálise. Esta edição, em especial, marca a preciosa chegada de Thomas Speroni à equipe da revista assumindo o papel de gerente editorial, e cuja dedicação e empenho foram fundamentais para que esse número chegasse até vocês.

Nosso agradecimento a todos os que, de diferentes maneiras, contribuíram com nossa revista ao longo desses vinte anos de existência.